



A eurodeputada defende que a União Europeia deve estimular reformas e ajudar a criar e consolidar procedimentos, instituições e partidos políticos democráticos

# Egito: as encruzilhadas da democracia

Ana Gomes

Estava sol, soprava uma brisa quente e árvores floridas coloriam a estrada do aeroporto para o centro, quando no sábado passado uma delegação do Parlamento Europeu chegou ao Cairo. O trânsito fluía: “É feriado por causa do referendo, olhem as filas para votar”, apontou o motorista, acrescentando que pela primeira vez valia a pena votar.

O voto do povo poderia contar. Mas já quanto a ser contado... faltavam transparência e observadores. O referendo fora decretado pelo Conselho Supremo das Forças Armadas e organizado em duas semanas. Votaram-se nove emendas constitucionais (umas boas, outras menos, por exemplo restringindo quem pode candidatar-se à presidência) e abriu-se caminho a eleições legislativas no outono e presidenciais em dezembro.

Os ativistas da praça Tahrir, organizações de mulheres, de direitos humanos e sindicalistas tinham apelado ao não, por acharem que era (é!) preciso tempo para organizar o processo eleitoral e formar partidos políticos. No domingo, foi

anunciado que o sim ganhara com 77,2 %.

Falar com os grupos de jovens e mulheres que mobilizaram a revolta na Praça Tahrir foi o mais estimulante. Gente ansiosa por liberdade, dignidade, democracia, direitos, melhor vida, por esta ou outra ordem. Sobre como fintar e resistir ao aparelho repressivo via SMS ou internet sabem tudo, mas muito pouco sobre como se organizar, agora que a revolução tem de produzir governação e está a ser cavalgada pelas forças conservadoras coligadas.

A UE deve estimular reformas e ajudar a criar e consolidar procedimentos e instituições democráticas, incluindo a formação de partidos políticos democráticos. “Mas a UE é tão burocrática, tão lenta, exige tanta papelada e nós sem tempo...”, lamentam os/as ativistas, para explicar não poder desperdiçar a ajuda agilmente disponibilizada pelos americanos (será que é desta que se compreende que precisamos de um European Endowment for Democracy?)

Crucial vai ser o futuro das mulheres egípcias, que teimam em determinar-se num ambiente de religiosidade fortemente patriarcal e incontrolado assédio sexual. Apoiá-las tem de ser prioridade para a UE.

O 25 de janeiro abriu todas as incertezas de um PREC — trouxe insegurança (continuam à solta 10.000 presos comuns libertados por Mubarak nos dias finais), ninguém obedece à odiada polícia e até o tráfego piorou. Faltam empregos e a pobreza agrava-se. Mas há esperança, cidadania e consciência do impacto além-fronteiras: protesta-se pela inação internacional no Líbano, no Bahrein, na Arábia Saudita.

A crise económica vai agravar-se: diminuíram receitas do turismo e remessas dos emigrantes. E cada dia que passa sem um governo legitimado torna explosiva a conflitualidade social.

Também há tensão religiosa no ar, com fortes implicações políticas e sociais: enquanto o grande imã de El Azhar nos vendia uma tese abstrusa sobre a incompatibilidade da homossexualidade com a liberdade no Islão, lá fora uma manifestação vociferava pela sua substituição por alguém eleito... O Egito ferve de contradições e é incerto o caminho que tomará.

De regresso ao aeroporto pela mesma estrada, três dias depois, a poluição oprime, o céu está pesado e o tráfego infernal. Presságios pouco otimistas. Espero enganar-me.



## Ana Gomes



Egito: encruzilhadas da democracia O Egito fervilha de contradições e é incerto o caminho que tomará **P42**